

**Além dos Limiares do Texto Verbal: Imagem e Cor em
*a Agonia de um Partido***

**Beyond the thresholds of the verbal text: image and color in
the agony of a party**

Welisson Marques^{1*}

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, IFTM,
Uberaba - MG, 38100-000 e-mail:welissonmarques@iftm.edu.br

RESUMO: Este trabalho se inscreve sob o viés teórico da Análise do Discurso (AD) erigida por Michel Pêcheux et versa especificamente sobre o papel da imagem e cor no discurso midiático impresso. Nesse sentido, discute a relação entre os textos verbais e não verbais no cerne desta episteme. Para isso, e também por se verificar a necessidade de dispositivos que consigam analisar adequadamente esse tipo de objeto, são buscados conceitos que estendem tais discussões, como é o caso da proposta intericônica de J.-J. Courtine (2006) e policrômica em Souza (1996). Por último, realiza uma análise do artigo *A Agonia de um Partido*, publicado pela Revista Veja em 2005, atinente ao Partido dos Trabalhadores na época da irrupção da crise do Mensalão, com vias a observar o funcionamento dessas materialidades. Conclui-se, pois, a necessidade de se observar o funcionamento do não-verbal, em especial do retoque efetuado pelo enunciador à imagem, da cor como dispositivo de significação e da legenda, como enunciado que amplia e direciona os sentidos da imagem.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; verbal; não verbal; imagem; cor.

ABSTRACT: This article deals with the functioning of images in the press media discourse. For so, we take the French Discourse Analysis proposed by Pêcheux as theoretical support and make use of the notions of subject, meaning, intericonicity and policromy. Problems of the analysis at this level in the French Discourse Analysis are pointed out, especially because of the need for new theoretical devices which are able to analyze the image objects adequately. After this contextualization, a brief analysis of the article *The Agony of a Political Party*, published by Veja Magazine in 2005, will be done and which deals with the supposed *kickback crisis* and the Brazilian Labor Party. It is impossible, in our understanding, to make any analysis of the verbal text adequately and pertinently separating it from the non-verbal text; thus, both the linguistic and non-linguistic plans will be analyzed together in this proposition.

KEYWORDS: Discourse; Verbal; Non Verbal; image; color.

¹ Welisson Marques é pós-doutor em Educação / Análise do Discurso pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU). Professor e Pesquisador em regime de dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM). Atua como docente permanente e coordenador no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional em Educação Tecnológica; e no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica da Rede Federal (ProfEPT).

Não penso, portanto, que a Análise do discurso, tal como a praticávamos ontem e tal como ela é ainda hoje frequentemente concebida, essa que continua a ser uma análise do texto verbal, esteja apta a interpretar e a compreender essas transformações. É necessário pensar em outros objetos, inventar outras ferramentas, conceber outras Análise do Discurso (poderemos, aliás, ainda chamá-la assim?...) que continue tão atenta ao peso da história quanto às metamorfoses dos materiais discursivos significantes.

Jean-Jacques Courtine

INTRODUÇÃO

A preocupação com as relações entre textos verbais e não-verbais tem sido tema de crescente interesse no campo dos estudos da linguagem, em especial se se considerar o aumento de pesquisas inscritas sob o viés discursivo e concomitantes possibilidades técnicas que os suportes midiáticos oferecem, sejam pela mídia impressa, tevê ou internet. Na verdade, a preocupação com o não-verbal não é recente. Remonta, principalmente, aos anos de 1950 na França, desde a ruptura com o estruturalismo e o sujeito fenomenológico em um contexto de preocupação cada vez maior com o ideológico na língua. Nesse sentido, há os estudos semiológicos de Barthes que, diferentemente de uma espécie de “vulgata estrutural” criada de sua imagem, reflexo dos *Éléments de Sémiologie* ([1964] 2006), apresenta ensaios profícuos em toda sua trajetória intelectual, seja em *Mitologias*, escrita entre 1954 e 1956 e publicada em 1957, seja na *mensagem fotográfica* de 1962 ou mesmo na *câmara clara* de 1979. Pêcheux não realizou análises de imagens em suas principais obras publicadas em 1969, 1975 e 1983², apenas tocou na questão em um de seus últimos textos, *O papel da memória*, de 1983. Foucault, a seu turno, analisa, aliás muito pertinentemente, a tela *As Meninas* de Diego Velázquez em *As palavras e as coisas* de 1972, bem como as telas de René Magritte em *Isto não é um cachimbo*, e que se tornaram livro em 1973. Desde então, a despeito das poucas exceções³, a maioria dos trabalhos na França vão de

² Em relação às três principais obras de Pêcheux, referimo-nos respectivamente ao texto *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, publicado no livro organizado por Françoise Gadet e Tony Hak, *A Análise do Discurso: Três Épocas*; ao livro *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*; e *O Discurso: estrutura ou acontecimento*.

³ Destacamos o texto *O corpo presidencial: Representação política e encarnação na campanha presidencial francesa de 2007* de Marlène Coulomb-Gully originalmente publicado na revista francesa *Mots – Les Langages du Politique*, número 89, em março de 2009 e publicado em língua portuguesa no livro *Análise do Discurso & Semiologia: novas materialidades* (2013). Também destacamos os trabalhos de Dominique Maingueneau (2008).

encontro a essa perspectiva em que o verbal se ensambla a outras linguagens semiológicas, como bem notam Chartier (2013) e Guilhaumou (MARQUES, 2013) em entrevistas recentes. É válido ressaltar, apesar de seu distanciamento do campo da AD e aproximação da antropologia histórica e cultural, que essas reflexões encontram fulcro também em Courtine, especialmente em seus últimos textos acerca dos *deslizamentos do espetáculo político* (2003) e das *metamorfoses do discurso político* (2006).

Do lado de cá do Atlântico, após um recenseamento realizado por Piovezani (2009) sobre os principais trabalhos na área da AD no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 – trabalhos estes que por razões socio-históricas privilegiam o discurso político –, admite, em sua tese, que a despeito de sua pertinência, ainda existe uma real possibilidade de alargar o domínio dos objetos de análise pertinentes e de um avançar no tempo. Defende, nesse sentido, a necessidade do discurso político, seu objeto de análise, ser abordado por uma perspectiva que contemple o corpo e a voz do *homo politicus*. Em outros termos, trata de questões que extrapolam o texto verbal⁴. É nessa direção que este trabalho alvitra discutir a problemática da análise de imagens e cores no discurso midiático impresso contemporâneo. Para tal, busca, como sustentáculo, conceitos oriundos da Análise do Discurso de vertente francesa (doravante AD). Atualmente, pensar uma análise nessa perspectiva é se deparar com uma área fecunda, graças às novas ferramentas tecnológicas utilizadas nos campos da arte e *design*. Constatamos, pois, a necessidade de dispositivos que consigam analisar esse objeto de maneira pertinente e que atenda ao sincretismo semiótico deste tipo de publicação. Nessa via, dois objetivos emergem neste artigo: o primeiro é pensar os efeitos de sentido produzidos pela materialidade linguística, a saber: como o sujeito-enunciador Revista Veja significa o Partido dos Trabalhadores em suas inscrições enunciativas. E o segundo é observar a relação do verbal com o não-verbal, e como um coaduna com o outro na produção de sentidos específicos.

Destarte, antes de adentrarmos na discussão sobre as relações que se instauram entre essas diferentes linguagens, discorreremos sobre a noção de discurso aqui problematizada no tópico que se sucede. Na sequência, realizaremos uma análise do verbal sem desvinculá-lo do não verbal, atentando-se para as posições que o sujeito estabelece com o seu referente e enfocando os atributos já assinalados, constitutivos dessas materialidades. Para tal, analisaremos a mobilização de imagens e cores em A

⁴ Essa perspectiva de que Piovezani fala, e com o qual concordamos plenamente, parece ter ganhado espaço e se solidificado institucionalmente apenas nos últimos anos.

Agonia de um Partido, publicado pela Revista Veja em 2005, e atinente ao PT na época da suposta crise do Mensalão.

ANÁLISE DO DISCURSO E A RELAÇÃO DO VERBAL COM O NÃO-VERBAL

Os fundamentos da teoria do discurso foram instaurados pelo filósofo francês Michel Pêcheux no final da década de 1960 ([1969] 1990) e, desde então, sofreu inúmeras retificações e rupturas. Este teórico articula o materialismo histórico marxista, compreendido como a teoria que trata da ideologia, com a Linguística, que lida com os mecanismos sintáticos e os processos de enunciação. Nestes moldes a teoria do discurso é o lugar onde se intrincam língua, sujeito e história. Todos estes elementos formam uma rede conceitual de modo que os sentidos estão imbricados aos lugares que os sujeitos ocupam e que são ideologicamente marcados.

O sujeito, na perspectiva da AD, diferencia-se de indivíduos empíricos, agentes personificados. Ao contrário, é social, filiando-se a grupos pertencentes à sociedade. Nem sempre essas filiações irrompem na materialidade linguística de modo claro, organizado, mas vêm diluídas em seus discursos. Além disso, o sujeito não é homogêneo e singular. Ao contrário, é plural e marcado pela heterogeneidade, pois é constituído por várias vozes assumindo, também, diferentes posições-sujeito. É relevante essa compreensão no sentido de que, nas análises que serão efetuadas, não se trata da voz de um jornalista ou editor, mas de uma instância produtora que autoriza determinadas matérias em detrimento de outras, obedecendo a regras editoriais e critérios políticos e ideológicos da redação, assumindo e revelando assim suas posições. Trata-se, pois, de um sujeito plural constituído pela exterioridade e que se submete às perspectivas (ou exigências) ideológicas, ingênuas ou não, do veículo midiático.

O discurso em sua heterogeneidade, isto é, a despeito de ser constituído por inúmeras vozes, não está no mesmo nível da língua, e embora dela faça uso para se materializar – seja pela substância fônica, seja pela via escrita, ganha existência empírica por outros meios também, como é o caso da imagem. O papel do analista do discurso é reconhecer essas vozes e a que lugares socio-históricos elas se vinculam com o intuito de atribuir-lhes sentido(s).

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-

histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160)

Assim, para Pêcheux, o sentido das palavras muda de acordo com as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Esses sujeitos ocupam posições socio-históricas e por meio de seus discursos se revelam quais são suas inscrições ideológicas.

Em uma discussão sobre os efeitos do verbal sobre o não-verbal, Orlandi (1995b) sustenta que a existência das muitas linguagens faz parte de uma necessidade histórica em virtude do caráter de incompletude da linguagem: “é no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica” (ORLANDI, 1995b, p. 40). Para esta autora, diferentes linguagens, quando utilizadas, se articulam, sendo que “outros” sentidos derivam daí. Verifica-se, pois, a necessidade material das diferentes linguagens no devir histórico. Portanto, há sentidos que só significam quando o suporte do discurso é o não-verbal. Seus efeitos não se reduzem ao verbal e não podem, tampouco, ser ignorados.

Essas distintas linguagens, ao nosso entender, são a matéria-prima de trabalho do analista uma vez que o discurso não é composto somente de textos verbais. Como Pêcheux propõe, o exercício analítico implica uma observação da materialidade discursiva, materialidade essa que traz o peso da história e cuja forma e conteúdo são inseparáveis. Em face de tal problemática, o que nos traz inquietude é o fato de percebermos uma necessidade do sentido que só pode ser significado nas relações que se instauram entre o verbal, a imagem e a forma em que se investem essas materialidades. Além dos textos não-verbais, em especial, as fotografias mobilizadas, outros elementos também podem ser observados, entre eles, as cores, o leiaute (posição dos enunciados), as legendas etc. que, ao se imbricarem, produzem sentidos específicos no interior desses discursos.

Nesse sentido, realizar uma análise puramente textual desconsiderando as imagens seria como uma análise amputada do discurso, pois elementos de suma importância e que, muitas vezes, *falam mais* do que o verbal seriam apagados. Por outro lado, empreender um exercício de análise puramente imagético desconsiderando o verbo-textual também concorreria para uma redução e concomitante comprometimento dos resultados. Neste ínterim, a noção de intericonicidade proposta por Courtine se revela profícua nesse âmbito discursivo. Para este teórico, tal conceito, também fundamentado

como memória das imagens, é definido da seguinte maneira:

Toda imagem se inscreve numa cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas. (MILANEZ, 2006, p. 168)

Portanto, na ótica de Courtine (2006) o conceito de intericonicidade concerne às imagens que são lembradas, evocadas, ressurgidas quando vemos ou simplesmente imaginamos uma imagem. Essa noção refere-se ao diálogo de uma imagem com outras exteriores a ela. Segundo o autor toda imagem tem um eco. Isso concerne à historicidade da imagem. Como se sabe, a recorrência à história na AD se dá não por se tratar da história refletida no texto como se o texto fosse o conteúdo da história apenas (embora haja essa relação entre a história “externa” e a historicidade presente na materialidade linguística, na trama dos sentidos), mas ao se falar em historicidade nesse campo teórico volta-se para o trabalho dos sentidos no discurso, para o acontecimento do texto (não-verbal inclusive) como discurso na história uma vez que todo discurso se estabelece sobre um discurso anterior e aponta para outro discurso futuro. É nesse exercício, sob a perspectiva courtineana, que a materialidade imagética pode ser interpretada.

Todavia, esse conceito se refere apenas à análise do visual. Diante disso, indagamos: quais seriam os procedimentos utilizados em análises nesse viés discursivo quando se pensa o textual e o verbal juntos? Dito de outro modo, como se interpretaria ou apreender-se-ia uma imagem em sua relação com o verbal? Essas indagações surgem, pois pode ocorrer de determinada imagem ter seus sentidos restringidos ou ampliados pela legenda ou mesmo pelo título da matéria. Ou, indo além, como seria a análise de imagens que se imbricam e que se misturam a outros enunciados? São novas possibilidades na era da pós-modernidade, em tempos de fluidez imagética. Diferentes e complexas questões que merecem a atenção de analistas de discurso na atualidade. Ademais, nessa relação imagem-texto ou imagem-imagem, típico do espaço midiático impresso, uma imagem pode ser produzida simplesmente para negar outra.

Neste íterim, percebe-se que a mídia constrói novos lugares discursivos nesse imbricamento, mas não somente: a presença de determinadas cores, fontes, leiaute, a disposição de cada enunciado na página são questões relevantes e que reclamam dispositivos teóricos e analíticos na alçada da AD. Nesse sentido, Pêcheux, em um de seus últimos textos, *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, discorre sobre os deslizamentos do discurso face aos novos suportes midiáticos e nos convida a “aprofundar a crítica das relações entre o funcionamento da mídia e aquele da “classe política”, sobretudo depois dos anos 1970. Ele já encetava a discussão desde aquela época e pensava a necessidade de se considerar as relações do suporte midiático com o discurso. Infelizmente, com sua morte em 1983, a AD francesa, pelo menos em seu próprio país, se “desviou” do paradigma histórico e se voltou para estudos lexicométricos e gramaticais⁵. Todavia, o Pai da AD deixa seu legado, como um convite para avançar essas questões.

Praticamente três décadas se passaram desde a sua morte e se percebe que, atualmente, os trabalhos em AD no Brasil se aproximam muito das propostas pecheutianas, bem mais do que aqueles propostos por seus compatriotas. Encontramo-nos em uma época em que a informática e as novas tecnologias têm progredido sobejamente. O desenvolvimento de *softwares* especiais como o *photoshop* permitem a produção e manipulação de qualquer objeto visual. Além disso, a ampla utilização de imagens se dá, entre outros fatores, como uma estratégia para apreensão do conteúdo dos textos da mídia, dispensando a leitura completa dos mesmos, efetuando uma espécie de síntese e potencialização de seu discurso (cf. CURCINO-FERREIRA, 2006). É o tempo de se pensar em novos dispositivos que consigam acompanhar essa evolução.

Feitas essas considerações, compreende-se que tal (r)evolução tecnológica no campo da arte e *design* demanda estudos que consigam lidar com a complexidade dessas questões. Neste sentido, em suas pesquisas sobre o discurso político, Courtine destaca a importância da imagem na relação com o verbal: “o discurso político não pode mais ser dissociado da produção e recepção de imagens. A mensagem política não é

⁵ A despeito de estarmos há algumas décadas da progênie da AD, por longo tempo, e ainda predominantemente na França, as abordagens ahistóricas ainda prevalecem. O próprio Chartier analisando a questão, do lado da história, toca nessa problemática em uma entrevista realizada no ano de 2012: “A Análise do discurso tem sido, sem dúvida, influenciada ou contaminada pela predominância de abordagens estritamente estruturais e formalistas (em crítica literária, em semiótica, em certa antropologia, em história da arte), para as quais as diferenças históricas e sociais não são pertinentes”. Ademais, critica ferozmente essa AD ahistórica cuja prática “tem por objeto apenas o funcionamento linguístico sem materialidade e que aplica modelos estruturais – por definição, construídos sobre invariâncias – sem questionar as variações dos regimes de discursos, dos modelos estéticos, ou das experiências sociais” (CHARTIER, 2013).

mais unicamente linguística, mas uma colagem de imagens e uma performatividade do discurso que deixou de ser prioritariamente verbal” (COURTINE, 2006, p. 84-85).

Na esteira deste teórico, a imagem é constitutiva dos discursos na atualidade: “a imagem desempenha um papel importante, uma vez que possibilita agregar uma comunidade de olhares e colocar os possíveis leitores ou espectadores diante de um mesmo ponto de vista” (NAVARRO, 2006, p. 80). Assim como há diferentes formas de silêncio, sendo que ele não precisa se referir ao dizer para significar, descentralizando a linguagem verbal do próprio silêncio⁶, a interpretação do sentido das imagens pode estar desvinculada do plano verbal. É a visualidade que possibilita a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal.

Sobre o processo de significação da imagem, as discussões estão, em geral, restritas a duas vertentes principais: ou se toma a imagem da mesma forma como se toma o signo linguístico, discutindo-lhe as questões relativas à arbitrariedade, à imitação, à referencialidade, ou se toma a imagem nos traços específicos que a caracterizam, tais como extensão e distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura, etc, buscando-se a definição de que modo se dá a apreensão (ou leitura?) da imagem naquilo que lhe seria específico [cf. KLEE, 1973 e DAVIDSON, 1984]. (SOUZA, 1998)

Em consentâneo com Souza, a questão da interpretação de imagens sofre uma problemática de natureza analítica, quer seja escolher o caminho que se deve trilhar para apreender as peculiaridades do objeto. Como afirma a autora: “O texto de imagens também tem na sua constituição marcas de heterogeneidade, como o implícito, o silêncio, a ironia. Marcas, porém, que não podem ser pensadas como vozes, porque analisar o não-verbal pelas categorias de análise do verbal implicaria na redução de um ao outro” (SOUZA, 1998). Verifica-se, pois, uma preocupação da autora no procedimento analítico do não-verbal e suas (im)possibilidades de relação com o verbal nesse exercício.

Ainda pautados na discussão de natureza semiótica, neste viés discursivo, apresentamos outra citação de Souza (1998) que traz contribuições profícuas para esse debate:

Nesse caso, por associação ao conceito de polifonia, formulamos o conceito de policromia (Souza, 1995) buscando analisar a imagem com mais pertinência. O conceito de policromia recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não-

⁶ Sobre o silêncio ver Orlandi (1995a).

verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc. nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo eu na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra. Por isso, a policromia revela também a imagem em sua natureza heterogênea, ou melhor, como conjunto de heterogeneidades que, ao possuírem uma co-relação entre si, emprestam à imagem a sua identidade. (SOUZA, 1998)

É relevante a discussão de Souza no que tange à compreensão do não-verbal pelo próprio não-verbal. Esta perspectiva policrômica agrega elementos que somados à noção de intericonicidade possibilita a análise mais adequada dos textos não-verbais. Dentre estes elementos, a questão das imagens implícitas, como se fossem os “não-ditos” do plano verbal também significam no plano não-verbal. Ademais, outros operadores discursivos da imagem, tais como cor, detalhe, ângulo, luz e sombra também instauram a produção de outros textos e geram efeitos de sentido. Todavia, verifica-se que a interpretação do plano visual deve se submeter indubitavelmente a uma “redução” ao plano verbo-textual uma vez que o texto é o tipo de suporte material utilizado em análises imagéticas. Se compreendemos bem a discussão de Souza, o resultado de tal interpretação é a produção de outras imagens *exclusivamente* pelo olhar.

Complementando essas considerações, ao tratar dos limiares do verbal com a imagem, Foucault declara que “a relação da linguagem com a imagem é uma relação infinita. Não que a palavra seja imperfeita e esteja num *déficit* que em vão se esforçaria por recuperar” ([1972] 1999, p. 25). E acrescenta que uma é irreduzível a outra, pois “por mais que se diga o que se vê, o que se vê não aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem”⁷.

Ainda a título de reflexão sobre análise imagética em *Análise do Discurso*, conquanto se entenda que esta eira de pesquisas seja bastante fértil, indagamos se pesquisas que lidarão exclusivamente com textos não verbais devam ser interpretados neste nível – ou seja, aterem-se exclusivamente a análises de uma imagem por outras imagens: “a impensabilidade de uma sintaxe do icônico me parece marcada pela inexistência da negação e da interrogação no interior da imagem” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 51). Com certeza é um campo que reclama procedimentos e dispositivos de

⁷ Ibidem.

interpretação.

Por fim, diante da realidade de não haver dispositivos teóricos específicos que contemplem como a junção do verbal e não-verbal (imagem) se agregam na produção de sentidos específicos (apenas dispositivos que os analisa separadamente, como é o caso da intericonicidade), buscaremos não desvinculá-los no exercício analítico, com vias a não comprometer os resultados alcançados. Ainda assim, é pertinente reiterar que a própria escolha de uma imagem em detrimento de outra é indicativo das posições mantidas pelo sujeito e reforçam os lugares ocupados e sustentados por aqueles que lhas produziram e veicularam. Por ora, acreditamos que as noções aqui apresentadas são suficientes para dar sustentação à análise que propomos empreender, a qual se desenrolará no tópico que se segue.

ANÁLISE DE A AGONIA DE UM PARTIDO

Os recortes que se submetem à análise integram a edição 1918 publicada em 17 de agosto de 2005 na Revista Veja e emergem tanto na capa quanto na matéria dentro da revista. A capa se nos apresenta com uma imagem do presidente Lula em um discurso televisivo seguido dos dizeres:

A LUTA DE LULA CONTRA O IMPEACHMENT,

sendo que esta última palavra está destacada em amarelo e em caixa alta. Nesse sentido, levando em consideração as palavras de Pêcheux ([1975] 1988) de que os lugares ocupados pelos sujeitos não são físicos ou concretos, mas imaginários, os efeitos de sentido apontam para um acusado em busca de esclarecer os fatos, se justificar, mas tentando encobrir a corrupção. Essa leitura se confirma no enunciado “Hélio Bicudo: ‘Lula é mestre em esconder a sujeira embaixo do tapete’”, materializado na parte superior direita da capa e também em destaque, por meio da mobilização cromática no fundo amarelo que ladeia esses dizeres.

A materialização destes dizeres em oposição à tentativa do político de se defender é uma forma de desqualificação dessa defesa. Pelos dizeres que ele *não convence e perde o direito de explicar a situação*, o enunciador se opõe a ele e confirma sua chancela a outros sujeitos em posições antagônicas ao governo. *Veja* além de produzir um cenário sobre a “defesa” de Lula, enceta sua desqualificação. Ser *mestre* atesta a

condição de experiência e domínio em mascarar a “corrupção” que, eufemisticamente, marcando a heterogeneidade constitutiva do discurso, materializa-se como *sujeira*. Ademais, malgrado a inexistência de qualquer *impeachment*, a veiculação destes enunciados cria a ilusão de que o mesmo existe e reitera o desfavorecimento do enunciador ao governo sugerindo que o mesmo seja banido do Palácio do Planalto.

A noção policrômica abre novas perspectivas, quer seja a “da possibilidade de falar de implícitos no âmbito da imagem. As imagens implícitas funcionam como pistas, favorecendo a compreensão das associações de ordem ideológica (o discurso)”, (SOUZA, 1998). Pautando-se nesta noção, a cor, como operadora discursiva, produz efeitos de sentido. Há uma tempestade de acusações e, neste ínterim, Lula luta contra tal *Impeachment*. Este último lexema em amarelo bem como os três enunciados “acusatórios” dispostos no topo da página (da capa) se nos apresentam em destaque sobre um fundo da mesma cor. Os efeitos ideológicos destes enunciados dispostos ao redor do rosto de Lula correlacionam-no com a corrupção. Há uma ligação entre o texto-verbal e o não-verbal, ou seja, as mesmas cores, destes enunciados, captam o olhar do enunciatário e facilita a correlação de Lula com a velhacaria, como uma simbiose entre Lula, as acusações e o *Impeachment* construindo subjetividades nessa prática discursiva e que, por sua vez, objetiva os leitores em sujeitos.

Considerando o aspecto de não completude da imagem, pois “o resultado de sua interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente à linguagem verbal e não-verbal” (Souza, 1998), a foto do presidente semi-boquiaberto como que explicando, falando algo, produz sentidos de que ele está se justificando, se explicando, como ele realmente o fez. No entanto, nega-se seus “dizeres” com a presença de todos os elementos verbais dispostos na capa, que criam novos lugares discursivos. Na verdade, é uma estratégia para desqualificá-lo. Os conflitos existentes no social são marcados neste discurso, neste jogo enunciativo; ou seja, esta disposição de enunciados reflete os embates sociais entre sujeitos que digladiam e buscam o poder. Entretanto, há sobreposição dos “dizeres” do político pelos dizeres do sujeito-enunciador, dizeres estes que, da maneira como foram dispostos, o impedem de falar, calando-o.

Na capa, a ideia que se passa é de um indivíduo sentado em um tribunal se defendendo como acusado. Essa leitura imagética é possibilitada pela utilização do lexema *defesa* disposta na sequência abaixo da imagem. A essa ideia agregam-se outros elementos dispostos na materialidade linguística. O enunciatário se depara com a

imagem do político “tentando justificar a crise”, explicando os fatos e é imediatamente interpelado pelos dizeres da capa. A disposição do presidente diante de um microfone aponta “dois” sujeitos em interlocução, o locutor (ele próprio) diante de seus alocutários. A ideia que o sujeito enunciador transmite, reiteramos, é de um tribunal onde Lula está se defendendo. O enunciado é claro: *A luta de Lula contra o Impeachment*. Todavia, o próprio sujeito-enunciador em dada posição e inscrito no lugar daquele que fala em nome dos enunciadários, ou seja, os leitores e a população em geral, não se vê convencido; no ápice da crise e como se essa fosse a última oportunidade do político se justificar – afinal, já se tem até proposto o “*Impeachment*” -, ele afirma que *Lula perde a chance de explicar o escândalo*. Este sujeito, portanto, não se convence (e não pretende se convencer) acerca do que se justifica.

A defesa do presidente na televisão não convence...

Chama-nos atenção a materialização do lexema *defesa* na capa da revista e os deslizamentos de sentidos que a utilização deste termo acarreta. Uma fala do presidente na televisão, reiteramos, se torna uma *defesa*. Este termo muito utilizado no discurso jurídico, em especial no Direito Penal, faz alusão a um julgamento e é postulada por um réu. Se por um lado há um réu, por outro há uma vítima. Sua utilização permite-nos visualizar outra posição assumida pelo enunciador: a de vítima como cidadão-eleitor inconformado com a corrupção e que não se convence com a fala, ou melhor, a *defesa* televisionada do presidente.

e ele perde a chance de explicar o escândalo.

O enunciador em determinada posição (que espera uma explicação e não a encontra) o vê como um réu que *não convence*. É relevante a tensão que se cria e os efeitos de sentido que se produzem como se fosse o fim. Este atravessamento na voz do sujeito se dá pela sua posição social e histórica. O sujeito-enunciador atravessado pela ideologia que o constitui, permite-o compreender a realidade petista neste ângulo, deste lugar: um réu em busca de esclarecer os fatos, mas que não consegue. O verbo *convencer* deixa em suspenso quem não foi convencido: não convence quem? A ideia é que este sujeito, pertencente e defensor dos interesses sociais, fala em nome da sociedade como um todo.

Ainda na capa, acima da imagem de Lula há duas sequências em destaque dispostas uma ao lado da outra:

Duda Mendonça diz que a campanha de 2002 foi paga com dinheiro sujo.

E

Preso, Toninho da Barcelona, doleiro do PT, quer contar tudo na CPI

Compreendendo que os sentidos produzidos pelos enunciados não estão presos à materialidade linguística embora não se negue a pertinência desta última, pois é também no linguístico que apreendemos as marcas deixadas pela ideologia; a disposição do lexema *preso* em primeiro lugar na sequência *Preso, Toninho da Barcelona, doleiro do PT [...]* atesta certa prioridade por parte do enunciador em confirmar esta situação, para, então, revelar o intuito dele: *quer[er] contar tudo na CPI*. Se as palavras do doleiro podem soar como ameaça ao partido, o enunciador se apropria das mesmas e as utiliza como instrumento de intimidação. *Tudo* indica artimanhas do governo e, por sua amplitude e obliquidade, possibilita a instauração de sentidos outros, mas que se restringem a crimes ligados ao partido. Se existe certa deslegitimação por estar *preso* – e que eficazmente produz nele o *ethos*¹ de corrupto –, é exatamente nesse lugar, em sua atitude de ameaça ao partido, que há a chancela de sua voz. Assim, o fato do doleiro do PT querer *contar tudo* na CPI denota “verdades” que ainda não emergiram, que ainda não foram reveladas e sugere certa expectativa bem como o endosso do enunciador ao “dar-lhe a palavra”.

De acordo com Foucault: “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder” compreendemos que a disposição destes objetos produzem sentidos peculiares. A disposição da imagem (o rosto de Lula) ladeada por estes enunciados (bem como seu conteúdo) possibilita, sem muito esforço, compreender a correlação do presidente com a corrupção. Além dos escândalos, *Veja* o coloca como que lutando contra o *impeachment* que ele virá sofrer. Imbricada à matéria se nos apresenta uma imagem, seguida da legenda:

CÚPULA ESFACELADA

Dirceu e seus companheiros: mesmo com o PT em frangalhos, a velha luta pelo poder

Se algumas décadas atrás era impossível chancelar (e adequar) as imagens ao que era materializado no plano verbal, hoje parece ser o tempo em que *tudo é possível*. Como exemplo, esta imagem é uma produção feita em algum programa como o *photoshop*. Há os rostos de vários políticos petistas, sendo que em destaque, à frente de todos, aparece José Dirceu, o ícone do momento na crise. Atrás dele e dos demais políticos, há o símbolo do partido, uma estrela de pedra, eminente, rachada ao meio e ruindo, em um cenário onde se o suporte midiático fosse áudio-visual poderia se ouvir o barulho do terremoto. Há até uma nuvem de fumaça, uma “alegoria” à ruína do PT. Se o que se enuncia é o fim do partido e que não tem mais jeito para este, com os olhos voltados para as eleições que se aproximam, percebemos que isso é uma estratégia enunciativa, pois a imagem, ou melhor, montagem possibilitada pelas novas ferramentas tecnológicas serve para reforçar o dito no plano verbal. Assim, o texto verbal se vale de um “reforço”, da imagem criada para chancelar o que se enuncia. É um tipo de recurso discursivo utilizado como estratégia de persuasão.

Ainda sobre esta imagem, enuncia-se na legenda: *Dirceu e seus companheiros: mesmo com o PT em frangalhos, a velha luta pelo poder*. *Companheiro* é um termo sobejamente utilizado por Lula e que aos poucos passou a integrar sua pessoa. Assim, como para a AD *sempre* sob as palavras outras são ditas, sob este lexema há o eco de Lula - companheiro de Dirceu - em meio à ruína. Desse modo, compreendendo que o verbal pode ampliar os sentidos do não-verbal (e vice-versa), a materialização deste lexema, na legenda, traz à memória do enunciatário o presidente Lula e acopla-o aos políticos da imagem. A *velha luta* permite compreender também que a luta pelo poder do partido é antiga, desde sempre deseja-se este poder. O que se compreende é que mesmo nessa situação, em *frangalhos*, o governo continua com o mesmo objetivo. Isso reitera implicitamente a posição antagônica ao partido, não apenas nesse momento de crise, mas desde outrora e alhures.

O SONHO ACABOU

As lágrimas dos deputados petistas na Câmara, depois das revelações de Duda: um partido implodido por seus próprios dirigentes. (grifo nosso)

Como verificamos, a relação da imagem com a legenda pode apontar certas especificidades, a saber, a criação de imagens como meio de interpelação. A este respeito, uma legenda pode ampliar e direcionar os sentidos de dada imagem. Neste artigo, enuncia-se na legenda “as lágrimas dos deputados”. Ora, o “s” como flexão gramatical de número é indicativo de plural e deveria se referir a mais de um agente. Ou seja, mais de um deputado precisaria estar “em prantos” na foto publicada. Todavia, o que se vê é apenas *um* deputado com as mãos no rosto. Por conseguinte, em relação à legenda, percebemos a reiteração deste dispositivo, isto é, do verbal ampliando e direcionando os sentidos da imagem ou da imagem “artificial” (criada ou retocada por meio de *softwares* profissionais) servir como recurso persuasivo. Portanto, verificamos a necessidade de não efetuar uma análise de apenas uma linguagem (verbal ou não-verbal) nos discursos veiculados pela mídia impressa. Nesse sentido, avançaremos analisando fragmentos dos textos verbais, bem como os textos não-verbais a eles imbricados.

Há, dentro e fora do PT, quem defenda a esdrúxula tese de que o fim da legenda represente uma ameaça à democracia brasileira, em virtude do papel desempenhado pelo PT junto a alguns setores organizados da sociedade. Trata-se de uma bobagem por dois motivos. O primeiro é que em política – sabe-se – não há espaço para o vácuo. A fila anda – e partidos nascem e morrem. Se ainda existe um espaço importante para a esquerda no espectro político nacional, ele deverá ser ocupado por outra agremiação. Depois, a democracia não só nunca dependeu do PT como jamais foi levada a sério por seus principais dirigentes – pelo menos enquanto valor universal.

O possível fim do PT representa *uma ameaça à democracia brasileira*. Há a presença de sujeitos inscritos em lugares sociais que evidenciam apreço pelo partido e, por conseguinte, se demonstram temerosos com a derrocada do mesmo – fato que pode prejudicar o andamento democrático do país. Todavia, o sujeito-enunciador se coloca contrário a essa posição. De fato, essa ideia é uma *esdrúxula tese*. Verifica-se, portanto que o fim da legenda ou, em outras palavras, o fim do PT é apoiado pelo sujeito enunciador. Uma das razões se dá pelo fato de que a *fila anda*, ou seja *partidos nascem e morrem*. O fim do partido é algo natural e outro partido qualquer ocupará sua posição. É relevante também a afirmação *se ainda existe um espaço importante para a esquerda, ele deverá ser ocupado por outra agremiação*. O não-dito como elemento constituinte dos discursos produz a ideia de que não há mais espaço para o partido e mesmo que houvesse deveria ser ocupado por outra agremiação. Além disso, a democracia *nunca*

foi levada a sério pelos seus dirigentes. Estes enunciados condizentes com a inscrição sócio-ideológica do sujeito-enunciador atestam sua posição anti-PT.

"O PT tem todo o direito de continuar existindo juridicamente, mas o partido que eu ajudei a construir já morreu. E só participo de debates sobre ressurreição e reencarnação no âmbito religioso." Senadora Heloísa Helena (*ex-petista, hoje no PSOL-AL*)

Compreendendo que o sujeito discursivo não é o centro de seu dizer, mas um sujeito fragmentado e descentrado, a emergência de outros sujeitos⁸ evidenciam a heterogeneidade mostrada destes discursos cuja aparição se dá como estratégia de endosso aos seus dizeres e defesa de sua posição. Nas análises dos enunciados que se seguem o enunciador optou por acoplar ao seu discurso falas de dois grupos de pessoas: por um lado, há dizeres de petistas pertencentes à ala oposicionista ao governo Lula e por outro, ex-petistas, ou seja, políticos que já foram filiados ao partido e que não fazem mais parte da legenda. Entendendo que toda prática de significação envolve relações de poder indagamos esta escolha, pois quem parece ser aos olhos do enunciatário mais legitimado para diagnosticar a situação do partido do que os próprios petistas ou ex-petistas?

Desta seleção, a primeira voz que analisamos é de Heloísa Helena. Estes dizeres são pequenos fragmentos, certamente recortes de entrevista. A senadora afirma: *o PT tem todo o direito de continuar existindo juridicamente mas o partido que eu ajudei a construir já morreu*. O fato de ela ter participado da construção do partido, reiteramos, parece atribuir-lhe certa legitimidade para opor-se a ele. Há o paradoxo existente entre o partido continuar existindo e seu mau agouro. Para ela o partido pode até existir juridicamente, mas isso é irrelevante, pois é um partido que *já morreu*. Ainda sim, o sujeito em tom irônico afirma *e só participo de debates sobre ressurreição e reencarnação no âmbito religioso*. Diante do fato do PT já ser tido como “morto”, esse sujeito traz elementos do discurso religioso como *ressurreição e reencarnação* como forma de ironizar um possível ressurgimento do partido. Ao afirmar que o PT morreu, visualizamos no interior desses dizeres, um sujeito que exclui o outro. Traços constitutivos de sua identidade são esboçados, pois “as identidades construídas dentro

⁸ Não afirmamos com isso que há momentos em que não há a presença do outro no discurso. O que pontuamos é a presença de inúmeras vozes na materialidade linguística marcando a heterogeneidade mostrada destes discursos. “Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado por ‘outros discursos’ e pelo discurso do ‘Outro’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

do discurso emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, o produto da marcação da diferença e da exclusão” (HALL, 2007, p. 109).

"O PT errou: afastou a militância, pôs burocratas no governo e se entregou às vontades de Lula. E que vontades eram essas? Apenas a do poder pelo poder. Agora acabou. O castelo de areia ruiu." Economista e ex-militante petista Paulo de Tarso Venceslau, *expulso do PT em 1997*

Outra voz trazida pelo sujeito-enunciador e que sustenta a ilusão de centro regulatório e organizador de seus dizeres é a de um economista e “ex-militante petista”. Sua primeira afirmação é que *o PT errou* e uma das razões é o partido ter *se entregue às vontades de Lula*. Essas vontades segundo ele *eram apenas a do poder pelo poder*. Sabendo que “em toda parte se está em luta” (cf. FOUCAULT, [1983] 2006, p. 232), a explicitação do desejo de poder do outro conduz ao apagamento do próprio.

Outra afirmação demasiadamente reiterada nas sequencias sob análise refere-se ao fim do governo. Suas afirmações de que *agora acabou* e *o castelo de areia ruiu* indicam o derrocamento do partido. Assim, a constituição do sujeito-enunciador se evidencia neste jogo de relações com o outro. A identidade marcada pela diferença e assinalada na relação com este outro, com o qual se desidentifica, é reforçada nessas características que atestam traços constitutivos do partido. Estes dizeres, explicitados na materialidade linguística, servem para reforçar o “desejo de domínio do sujeito” (AUTHIER-REVUZ, [1982] 2004, p. 73), pois através dessas marcas quer seja de “designar o outro *localizadamente*, o sujeito empenha-se em *fortalecer o estatuto do um*” (*Ibidem*, p.74, primeiro grifo nosso, segundo grifo da autora).

Ainda sim, a explicitação de *ex-petista*, conforme assinalado também na análise dos dizeres da senadora Heloísa Helena, atestam um deslizamento de posições ocupadas por estes sujeitos reinscrevendo-os em novos lugares político-ideológicos em detrimento da posição anterior. Neste novo lugar, destacado em itálico na materialidade linguística, a condição de desligamento partidário “*expulso do PT*” evidencia marcas de contestação entre os sujeitos e os sentidos que se produzem é de sua expulsão ser resultante da não convivência com os erros e as vontades de Lula.

"Lula sempre compartilhou da intimidade do grupo e foi o principal beneficiário de suas ações. Garante, porém, que nada sabia. Respeito quem acredita nisso, assim como respeito quem acredita em duendes." Ex-dirigente petista César Benjamin, *em artigo para a Folha de S. Paulo*

Este excerto explicita conflitos entre os dois sujeitos sob análise. Por um lado, Lula representando o PT, afirmando que não tinha conhecimento sobre os esquemas do partido, conforme as próprias palavras do sujeito-enunciador: *Ele garante que nada sabia*. Por outro lado, o enunciador apresenta dizeres que afirmam que ele sabia: *Lula sempre compartilhou da intimidade do grupo*. O conhecimento prévio de Lula a respeito das transações ilegais do partido implica prática imoral e ilegalidade e possibilita abertura a um processo de impedimento eleitoral. Isto posto, como o discurso político é “vulnerável e suscetível às suspeitas, às denúncias, às acusações e aos escândalos” (PIOVEZANI, 2009, p. 279-280), cogitar que o presidente tinha conhecimento dos fatos implica sua ilegitimidade e gera, no mínimo, desconfiança nos enunciatários-eleitores.

A posição-sujeito (antagônica ao PT) é explicitada pelo fato dele não aceitar a posição contrária ocupada por Lula quando este afirma não saber sobre as articulações de seu próprio partido. Os dizeres que emergem na sequencia enunciativa marcam a heterogeneidade marcada destes discursos que coadunam com a posição do sujeito-enunciador: *Respeito quem acredita nisso* (que ele não sabia), *assim como respeito quem acredita em duendes*. Esta última colocação “acreditar em duendes” significa acreditar no impossível. Quem confia que Lula nada sabia é tido como parvo, pois é o mesmo que acreditar nestas criaturas do imaginário folclórico. Lula procura produzir efeitos de sinceridade, mas seu discurso é tido como ludibriador. Desse modo, como no discurso político “faz-se necessário uma intensificação nos procedimentos que visam à conquista de credibilidade e à refutação do estigma de mentiroso carregado por este discurso” (PIOVEZANI, 2009, p. 280), com tom irônico, o que o sujeito-enunciador evidencia é que Lula assume essa posição como forma de auto-defesa, mas, mais do que isso, age assim de forma dissimulada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discorreu sobre a análise do não-verbal no discurso midiático impresso, buscando, para isso, amparo na AD francesa. Como se sabe, a base teórica da AD parte da relação da língua com o sujeito e a história. Nessa direção, após alguns deslocamentos epistemológicos, Pêcheux ([1975] 1988) propõe uma teoria que rompe

com a noção de língua fechada em si e, para tal, leva em conta sua relação com a história. Dessa forma, o sentido dos textos é, na verdade, efeitos de sentido (no plural) determinados pelas posições ocupadas por sujeitos inscritos na história. Sujeitos esses cujos discursos não se limitam aos textos verbais, mas são constituídos por um complexo construto semiótico, possibilitados pelos artefatos tecnológicos contemporâneos.

Verificamos que a relação do sujeito discursivo Revista Veja com o Partido dos Trabalhadores é conflituosa, marcada por oposições e embates. Percebemos que quando este último se torna referente daquele é para ser refutado e ridicularizado.

Nas relações entre o verbal e o visual, chamou-nos atenção, nas análises, a diagramação da capa que possibilita, graças às peculiaridades do suporte midiático, a ideia de abafamento da voz de Lula. Seu pronunciamento à nação é deslocado e se torna uma “defesa”, construção discursiva possibilitada pelo leiaute empregado. Ademais, observar a ligação entre o verbal e o visual tanto na capa quanto nas relações das imagens com os textos constitutivos da matéria dentro da revista, foi essencial para verificarmos suas posições e estratégias e que nem sempre se mostram explícitas, mas que nos permitem lobrigar, conforme assinalamos, seus favorecimentos político-partidários.

Compreendemos, também, que a disposição destes dizeres produz outros sentidos. Por meio das cores utilizadas – em especial, o amarelo robusto do lexema “*Impeachment*” –, o semblante circunspecto do político, e a própria materialidade linguística, estes discursos regidos por coerções, cujas acusações ao partido são realçadas, apontam para uma única assertiva: O PT acabou. A disposição da imagem do rosto de Lula, ladeada por estes enunciados (bem como seu conteúdo), permitiu-nos compreender a correlação do presidente com a corrupção.

Sendo assim, as análises empreendidas faz-nos pensar a importância do desenvolvimento de procedimentos teóricos de cunho semiótico na Análise do Discurso atualmente, principalmente na relação dos textos verbais com os não-verbais, no sentido de se observar novos espaços discursivos construídos pelo sujeito nos discursos em geral, e pelo sujeito midiático em particular.

Enfim, por meio das análises realizadas concluímos que: a) a imagem fotográfica é amiúde “retocada” pelo sujeito enunciativo, possibilitando visualizar os lugares que o sujeito ocupa e advoga; b) a análise de um artigo publicado por revista impressa, nos moldes do veículo analisado, não se dá de modo satisfatório se não se observar a relação

da matéria dentro da revista com a capa – quando houver relação nesses dois espaços; c) a legenda (texto verbal) pode ampliar ou reduzir os sentidos do não-verbal (imagem); d) as cores mobilizadas na capa e na matéria servem para realçar determinados lexemas e aproximá-los de outros; e) A disposição específica (leiaute) dos enunciados – imagéticos e verbais – não é arbitrária, e mesmo que fosse, em sua conjugação, permite apontar sentidos peculiares no interior das materialidades.

REFERÊNCIAS:

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. [1982]. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva – elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDUCPUCRS, 2004. p. 11-80.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, Roland. [1980]. *A Câmara clara – nota sobre a fotografia*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. 185 p.
- BARTHES, Roland. [1962]. *A mensagem fotográfica*. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da Cultura de Massa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (p. 303-316), 1990.
- BARTHES, Roland. [1954]. *Michelet*. São Paulo: Companhia das letras, 1991. 204 p.
- BARTHES, Roland. [1971]. *Ao leitor brasileiro*. In: *Elementos de Semiologia*. Trad. De Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BARTHES, Roland. [1964]. *Elementos de Semiologia*. Trad. De Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BARTHES, Roland. [1978]. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 95 p.
- BARTHES, Roland. [1957]. *Mitologias*. Trad. Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. 258 p.
- CHARTIER, Roger. História e discurso em Michel Foucault. Entrevista concedida a Welisson Marques. In: MARQUES, Welisson; CONTI, Maria Aparecida; FERNANDES, Cleudemar Alves. *Michel Foucault e o Discurso: aportes teóricos e metodológicos*. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia – a cultura do espetáculo*. São Carlos: Editora Claraluz, 2003. p. 21-34.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*. Derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos (SP): Editora Claraluz, 2006. 157 p.
- CURCINO-FERREIRA, Luzmara. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista Veja*. 2006. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de mesquita Filho”, Araraquara, 2006.
- FOUCAULT, Michel. [1972]. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 407 p.

- FOUCAULT, Michel. [1983]. “Outros Espaços”. In: MOTTA, M. (Org.). *Michel Foucault: Estética: Literatura e Pintura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos & Escritos v. III).
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis(RJ): Editora Vozes, 2007. p. 103-133.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008. 184 p.
- MARQUES, Welisson. Sobre o discurso e a história em Michel Foucault. Entrevista com Jacques Guilhaumou. *Alfa*, v.57, n.2, 2013.
- MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago – memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos (SP): Editora Claraluz, 2006. p. 153-179.
- NAVARRO, Pedro. O Pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: _____ (Org.). *Estudo do texto e do discurso – mapeando conceitos e métodos*. São Carlos (SP): Editora Claraluz, 2006. p. 62-92.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio – no movimento dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995a. 184 p.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: *RUA – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – NUDECRI – n. 1, março/1995*. Campinas: 1995b. p. 35-48.
- PÊCHEUX, Michel. [1975] *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: EDUNICAMP, 1988. 317 p.
- PÊCHEUX, Michel. [1969]. A Análise do Discurso: Três Épocas (1983). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990. p. 311-318.
- PÊCHEUX, Michel. [1983]. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. [1983]. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. 68 p.
- PÊCHEUX, Michel. [1981]. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdufScar, 2009. p. 21-26.
- PIOVEZANI, Carlos. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. 367 p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1971. 279 p.
- SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. *Discurso e imagem: perspectivas de análise do não verbal*. In: Ciberlegenda - Revista eletrônica da UFF. n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm> [Comunicação apresentada no 2º Colóquio Latino-americano de Analistas Del Discurso, La Plata em Buenos Aires, agosto/1997].

Data de recebimento: 16/02/2017

Data de aprovação: 28/02/2018